

## Prefácio

Rosangella Leote

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEOTE, R. Prefácio. In: *ArteCiênciaArte* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 11-15. ISBN 978-85-68334-65-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## PREFÁCIO

De algumas décadas para cá, um número cada vez mais expressivo de artistas lança mão de tecnologias avançadas para construir suas imagens, suas músicas, seus textos, seus ambientes, suas instalações, suas intervenções no espaço/tempo; o vídeo e o computador são agora presenças quase inevitáveis em qualquer instalação; a incorporação interativa das respostas do público se transformou numa necessidade intransponível em qualquer proposta artística que se pretenda atualizada e em sintonia com o estágio atual da cultura. Ao mesmo tempo, o encontro da arte com as ciências “duras” (Física, Matemática, Biologia, Engenharia, entre outras) conhece um desenvolvimento tão decisivo que talvez só encontre similar no Renascimento, com as experiências artístico-científico-tecnológicas de Leonardo da Vinci e Michelangelo. Temos visto multiplicar-se em todo o mundo festivais, encontros, mostras e centros culturais dedicados, exclusivamente, a experiências que se dão no ponto de intersecção entre arte, mídia, ciência e tecnologia, campo esse que alguns convencionaram denominar as *poéticas tecnológicas*. Muitos ainda acrescentam a essa intersecção o aporte político. As poéticas tecnológicas foram perdendo o caráter marginal e quase *underground* que tinham num primeiro momento para,

rapidamente, se converterem nas *novas* formas hegemônicas da produção artística no mundo contemporâneo.

Evidentemente, cada artista dá uma resposta diferente a essa intersecção da arte com a mídia, a ciência e a tecnologia, incorporando ainda, em alguns casos, o posicionamento político. Entre os talentos criativos que enfrentaram o desafio das poéticas tecnológicas, o nome de Rosangella Leote ocupa um lugar sem dúvida privilegiado. Seja em sua participação junto ao pioneiro e importante grupo de arte contemporânea SCIArts, de que foi uma das fundadoras e no qual permanece até hoje, seja em sua atuação *solo* ou em parceria com novos colaboradores. Leote se distinguiu não apenas como uma artista original e de propostas pouco ortodoxas, mas também como uma analista e teórica muito refinada desse movimento em processo, como o demonstra o volume que ora o leitor tem em mãos. Não são tantos artistas que conseguem se mover tão bem no trabalho prático de ateliê, na reflexão filosófica densamente ancorada na produção intelectual dos mais importantes pensadores do presente, e até mesmo na atividade de ensino, com vistas à formação de novos artistas-pesquisadores.

Na verdade, este livro, ele próprio, já traz um dado importante para reflexão. Não existe arte sem pesquisa e se alguém pensa que pode fazer arte só por intuição ou inspiração está redondamente enganado. Não estou me referindo exclusivamente à pesquisa acadêmica, à pesquisa universitária, mas à pesquisa em geral, essa que engendra a obra. Nenhuma obra fundamental da história da arte foi produzida senão depois de um intenso trabalho de investigação, estudo e experimentação, seja sobre questões técnicas ou tecnológicas (i.e., tintas, telas, *câmera obscura*, linguagem Java, ou C++, ou Visual Basic e novos materiais sintéticos), seja sobre problemas científicos relacionados com o tema da obra (o estudo da física das ondas do mar por Da Vinci e Hokusai, por exemplo, ou o apoio nos conhecimentos das neurociências na obra mais recente de Leote), seja ainda sobre questões mais propriamente estéticas (figurativismo, anamorfoses, abstração, concretização etc.), seja ainda sobre o próprio tema da obra.

Mas o interessante é observar que essa pesquisa é realizada no seio da própria arte, como forma de o artista compreender a sua própria obra ou a arte em geral e alicerçar, com solidez, o seu fazer. Um número bastante significativo dos artistas de ontem e de hoje dedicou-se, à parte de seu trabalho mais propriamente criativo, também a uma reflexão densa sobre a própria arte. Falamos de Leonardo da Vinci, mas é preciso observar que esse importante artista florentino deixou-nos os seus cadernos de anotações, que formam um precioso conjunto de contribuições às futuras gerações de artistas e que só pode ser rivalizado pela de seu contemporâneo Michelangelo. Essas anotações contêm desenhos, diagramas científicos, estudos de física, química, anatomia, biologia e seus pensamentos sobre a pintura. Da mesma forma, nós vamos encontrar, ao longo da história da arte, muitos artistas-filósofos que nos deixaram uma expressiva produção de textos de reflexão, como Kandinsky, Muntadas, Hélio Oiticica, ou fotógrafos como Cartier-Bresson, Joan Fontcuberta, romancistas e poetas como Edgar Allan Poe, Maiakovski, Haroldo de Campos, músicos como Pierre Boulez, John Cage, cineastas como Eisenstein, Dziga Vertov e assim por diante. No Brasil, Waldemar Cordeiro produziu uma quantidade quase incontável de material de reflexão que se acumulou durante toda a sua vida. Eram críticas para jornais e revistas, manifestos, considerações sobre a arte de seu tempo e artigos mais densos sobre a arte em geral. Eis porque um livro como este se justifica dentro do campo da produção artística, que é alimentada de reflexão e não apenas de ação.

O espectro de questões abordado por Leote é amplo, abrangendo desde a problemática do corpo na contemporaneidade, as interfaces interativas, as mídias emergentes, a mobilidade e os espaços híbridos pervasivos, até as indagações mais recentes sobre neurociências e sistemas complexos, roçando eventualmente a área médica, ao abordar as interfaces assistivas (voltadas para portadores de necessidades especiais). Particularmente, a percepção, a multissensorialidade e a sinestesia ocupam um lugar privilegiado nas reflexões de Leote. Considerando que a arte opera na fronteira

entre o saber conceitual e a experiência sensível, o projeto de vida de Leote visa exprimir essa experiência *multissensorial* que distingue (e ao mesmo tempo aproxima) a arte dos outros campos da cultura humana, no momento em que invoca a atividade perceptiva do homem como um todo, nos seus aspectos integrados e holísticos. Concebidas como instalações e/ou intervenções áudio-tátil-visuais, as diversas implementações que compõem o seu projeto estético desenvolvem interfaces homem-máquina especialmente desenhadas para ambientes em que o sujeito humano, o engenho artificial e o entorno estão interconectados num complexo processo de simbiose.

Sabemos que o homem tem um campo perceptivo bastante limitado, comparativamente com os outros animais. Ora, o frágil sistema perceptivo do homem, que o colocou em posição de desvantagem perante os outros animais, é uma das razões principais do extraordinário desenvolvimento cognitivo da espécie humana, inclusive por razões de sobrevivência. E, por outro lado, mesmo estando restringido a um campo perceptivo relativamente modesto, o homem soube fazer o melhor uso possível dele, principalmente através das artes: as artes visuais para os olhos, a música para os ouvidos, a perfumaria para o olfato, a culinária para o paladar, a sensualidade para o tato e as poéticas tecnológicas para o todo. Apesar de Richard Wagner já haver anunciado, ainda no século XIX, a ópera como uma “obra de arte integral”, dirigida a todos os sentidos, apenas modernamente começamos a produzir obras verdadeiramente multimidiáticas e o computador foi um pouco responsável por isso. Os processos significantes baseados no computador estão produzindo alguns novos deslocamentos nos regimes de percepção. Eles não são mais simplesmente processos *audiovisuais*. Hoje não basta mais ver e ouvir; é preciso também tocar, mexer, até mesmo movimentar-se, vestir roupas especiais e utilizar próteses corporais. A experiência estética hoje ultrapassa a *tela*. Se em outras situações perceptivas, o olho e o ouvido eram os órgãos hegemônicos, hoje é o *corpo* que comanda os processos de agenciamento.

Mark Hansen, em seu *New Philosophy for New Media* (Cambridge: The MIT Press, 2004), relaciona a estética das novas mídias

com a teoria do *embodiment*, ou seja, a teoria do corpo entendido como uma interface entre o sujeito, a cultura e a natureza. Segundo Hansen, a acepção do corpo como interface fornece uma base para a compreensão filosófica dos novos meios e das novas estéticas. A digitalização requer que concebamos a correlação entre o corpo do interator, a imagem, o som, o objeto físico e os outros estímulos de uma maneira mais profunda. A imagem, o som, o tato são *processos* e, como tais, estão em ligação estreita com a atividade do corpo. Portanto, eles não podem estar restritos a uma aparência de superfície, mas devem se estender ao processo inteiro por meio do qual a criação pode ser percebida através da experiência corporificada. Essa experiência, associada a uma reflexão teórica sofisticada, que é também uma atividade do corpo, é o que o leitor vai encontrar neste volume.

*Arlindo Machado*